

Redacção e administração
R. de S. Martinho
Aveiro

POVO DE AVEIRO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO
EDITOR, João Pinto Evangelista

SEMÁNARIO REPUBLICANO

Numero 82

ASSIGNATURAS
AVEIRO—Um anno, 15200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 15300. Semestre 630 réis. Brazil e Africa, anno 25500. Semestre, 13500 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO.

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

PUBLICAÇÕES
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os arts. assignantes tem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

2.º ANNO

A QUESTÃO CLERICAL (1)

Tencionavamos passar do romance de Daudet para o romance dos Goncourt—*La Sœur Philomène*. Mas a momentosa questão Calmon, que reviveu, obrigamos a um pequeno desvio.

Vamos a elle.
Não é só o decreto do Marquez de Pombal e o de Joaquim Antonio de Aguiar que regula a questão religiosa entre nós. A camara dos deputados votou em 24 de maio de 1862 o seguinte projecto de lei:

«Art. 1.º Não é permitida a existencia de comunidades, congregações ou corporações religiosas de um ou outro sexo, introduzidas ou modificadas depois da publicação dos decretos com força de lei de 9 de agosto de 1833, 28 de maio de 1834 e 28 de julho do mesmo anno, seja qual for o numero dos subditos ou associados de que se componham, o motivo do seu estabelecimento, e a qualidade ou duração dos seus votos.

Art. 2.º Nenhum estabelecimento, publico ou particular, de instrução ou beneficencia poderá admitir ao exercicio do ensino e educação quaesquer individuos nacionaes ou estrangeiros, pertencentes ás comunidades, corporações ou congregações religiosas, de que trata o art. 1.º, sem que para isso seja expressamente autorizado por uma lei.

Art. 3.º As disposições do artigo precedente são extensivas aos serviços hospitalarios e beneficicos dos reteridos individuos, pertencentes ás mencionadas comunidades, corporações ou congregações religiosas, nos estabelecimentos pios dependentes do estado, dos municipios, das juntas de parochia e de quaesquer corporações de mão morta.

Art. 4.º O governo proverá immediatamente á organização do ensino e educação da infancia nos estabelecimentos de beneficencia, tanto publicos como particulares, regulando tudo o que respeitar á sua administração, regimen e direcção moral.

Art. 5.º Ficam por esta fórma confirmados e declarados os decretos com força de lei de 9 de agosto de 1833, 28 de maio de 1834 e 22 de julho do mesmo anno.»

O eminente juriconsulto Vicente Ferrer Neto, commentando o art. 3.º, durante a discussão do projecto, dizia:

«E' notavel, que o projecto da maioria da commissão rejeitasse e eliminasse esta determinação do artigo 3.º da proposta do governo! Entendemos todos, governo, maioria da commissão e eu, que estas congregações são prejudiciaes ao paiz, e tanto que todos propomos a sua abolição e a prohibição absoluta de seus membros ensinarem nos estabelecimentos publicos; com que fundamento pois havemos de admitir os seus membros aos serviços hospitalarios, principalmente pertencendo elles a congregações es-

trangeiras? (1) Acha-se Portugal em tão grande barbaria, que não tenhamos naturaes nossos em abundancia para servirem de enfermeiros nos hospitais? Será tambem necessaria esta importação? Os estrangeiros serão mais habéis nesta parte do que os nacionaes? Não o creio, pelo menos das irmãs de caridade. Temos já larga experiencia dos seus serviços d'este genero na cidade do Porto, d'onde foram despedidas por quem dirigia e governava o hospital, em que se empregavam. Até consta que, offerecendo-se para servir gratuitamente em outros hospitais, não foram aceitas.

Sejamos francos. Se não queremos irmãs de caridade, cumpre prohibir-lhes os fins que ellas se propõem—o ensino e o serviço nos hospitais.

Ao governo do paiz pertence a inspecção de todos os estabelecimentos hospitalarios, publicos e particulares, mencionados na sua proposta, segundo as conveniencias publicas e as particulares d'esses estabelecimentos. O governo póde pois (e a lei deve declarar-o) prohibir aquelles serviços aos membros das corporações extinctas.»

A discussão fôra larga. Da commissão eleita pela camara, a maioria pronunciou-se hostil ao jesuitismo, mas fazendo-lhe, entretanto, umas certas concessões. A minoria pronunciou-se contra abertamente, sem concessões nenhuma. Foi o projecto da minoria que o governo adoptou e foi esse o que a camara votou.

Entrando na discussão, dizia em 13 de maio José da Silva Mendes Leal:

«Passaremos a outro argumento. Parece que se entende que não ha caridade senão nos hospitais onde se consente a associação das irmãs de caridade. Nós divergimos d'esta opinião, mas n'este ponto é que se levantaram as mais acerbas ponderações do illustre deputado, que nos appellidou de selvagens, mostrando os grandissimos receios que tinha de que a nossa reputação fosse abocanhada na Europa, se acaso votassemos a lei que se propõe. Sobre este ponto limitarme-hei a lêr documentos, mesmo porque não desejo ficar ainda hoje com a palavra reservada.

Em primeiro lugar direi ao illustre deputado—que lhe não deve ser estranha uma longa correspondencia publicada n'um jornal estrangeiro bem conhecido, na qual se declara—que os serviços das irmãs de caridade no hospital de Vienna são extremamente mal vistos.— Em segundo lugar permitta-me s. ex.ª que lhe leia algumas linhas de outro impio, de outro selvagem e de outro herege; são de um jornal impresso e publicado em França, onde os serviços das irmãs de caridade são mais que em parte nenhuma apreciados.

Diz este jornal, é a *Gazette hebdomadaire de médecine et de chirurgie*, referindo-se a um jornal de medicina de Vienna o seguinte:

«Nem só em Roma ha pequenos Mortaras...
Nem só em Roma ha pequenos Mortaras. Isto responde á allusão feita por s. ex.ª o illustre relator da commissão, de que os casos de rapto

de Mortara não podiam ser frequentes n'este seculo, porque o espirito liberal os condemnava fazendo levantar por toda a parte um grito de indignação contra elles. Eu vou provar a s. ex.ª, com este jornal na mão, que não só pódem ser frequentes, mas que tem sido repetidos.

Continua o jornal:
«*La Medicinische Wochenschrift*, de Vienna, chamava ainda ha pouco a attenção do publico sobre os factos de que vivamente se queixavam os medicos do estabelecimento da maternidade. As creanças que n'elle nasciam podiam ali conservar-se por espaço de tres mezes, contando que suas mães lhes podessem dar leite; porém este privilegio era praticamente limitado a creanças catholicas, porque se a creança era judia, era immediatamente tirada á sua mãe, baptizada e remetida para o hospital dos expostos. A repetição de similhantes factos fez com que os judeus deixassem de reclamar soccorros dos hospicios da maternidade. A descoberta de similhante abuso produziu uma discussão muito viva no conselho municipal de Vienna, d'onde resultou votar se uma representação em que se pedia ao governo houvesse de dar remedio a um estado de cousas, que difficilmente acreditariamos se nos não fora atestado pelo jornal medico de Vienna. Os medicos da maternidade não foram os unicos que recorreram ao governo n'este sentido. Os do hospital dirigiram-lhe outra reclamação, que ha de ser tida na conta de pouco catholica por certas pessoas.»

Os medicos de Vienna não foram os unicos que procederam d'este modo. Aqui está tambem mais uma pequena noticia do *Escholiaste Medico*, jornal de medicina de Lisboa, representante entre nós da sciencia, que tambem é caridade. Diz elle:

«O hospital dos terceiros de S. Francisco, do Porto, não foi o unico que dispensou o serviço das irmãs de caridade no fim do anno de 1861; tambem o hospital geral de Vienna as despediu do serviço dos enfermos, a pedido dos vinte e um medicos que tem clinicas n'aquelle grande estabelecimento, sendo logo substituidas por enfermeiras.»

Isto é, vinte e um medicos de Vienna d'Austria eram impios, hereges e selvagens! (Riso.)

E a s. ex.ª dá muito cuidado a conta em que seremos tidos pela Europa se fecharmos as portas dos nossos hospitais ás irmãs de caridade, com o mesmo direito que não as admitte o hospital de Vienna! Póde o illustre deputado tranquillisar a sua consciencia a respeito da opinião que de nós fará a Europa culta, porque tenho fé de que a opinião sensata nos não ha de lavar uma censura, nem lançar um estigma se fizermos o que se está fazendo por toda a parte (apoiados).

Mas ainda ha mais selvagens, ainda ha mais impios e mais hereges. Estão ao lado e representando as opiniões do illustre deputado. E d'esta vez é, digamos no sentido traduzido, uma dama tão conhecida pelos seus scrupulos como pelos seus melindres. Quer saber a camara o que dizia em 9 de novembro de 1853 a *Revolução de Setembro*, que é a tal selvagem, a tal impia, a tal herege a quem me refiro, mas que não póde ser impia, nem herege, nem selvagem, porque tem manifestado o mais catholico horror a toda a especie de sociedade que não seja n' associação da fé moderna-mente? (Riso). Quer se saber o que

diz? Diz: «Não approvamos o estabelecimento das ordens religiosas.» E' verdade que isto é em 1858 (riso). «Respeitamos os que tem opinião contraria, e mantemos-lhe o direito de a manifestar, não por ser opinião contraria, mas por ser o exercicio da liberdade.»

Diz mais: «Não julgamos necessario o instituto de S. Vicente de Paulo, nem portuguez, nem estrangeiro.»

Aqui não é sómente as irmãs de caridade estrangeiras que dispensa, dispensa até o instituto de S. Vicente de Paulo. Esse instituto, que na sua origem era respeitado pelas doutrinas que defendia e propagava, e que respeitado seria ainda hoje se continuasse a ser o que foi, se não degozasse de caridade e não houvessem convertido em instrumento politico.

Aqui vem a opinião d'outro impio; o numero d'estes, como s. ex.ª ha de ter observado, va crescendo de dia para dia. E' um documento official; é um relatório apresentado ao governo por um homem de sciencia, bem conhecido e experimentado á cabeceira dos enfermos nas horas de angustia, e que ali não viu nenhuma d'essas irmãs, que se dizem de caridade, mesmo n'aquelles estabelecimentos em que ellas eram admittidas. Não quero dizer que n'outros pontos não tenham exercido as boas obras, mas não as viu elle, como nós as não vimos.

Seria preciso, seria talvez indispensavel lêr todo o relatório, mas levei apenas uma parte; o seu auctor é o sr. José Antonio Marques, que visitou por ordem do governo os hospitais militares, onde fazem serviço as irmãs de caridade em França. Vamos vê-las mesmo n'esse paiz, onde ellas, segundo o dizer dos seus admiradores, estão exercendo as obras mais meritorias, de solicitude e abnegação evangelica. Diz o sr. Marques:

«Nas minhas visitas ao Val-de-Grace e aos Gros-Caillon, feitas a horas diferentes, mas ordinariamente de manhã cedo, raras foram as occasiões em que pude vêr as irmãs de caridade nas enfermarias, occupando-se dos doentes. Foi esta a primeira circumstancia que me affectou, acostumado como estava a vêr nos nossos hospitais militares uma assistencia mais assidua dos nossos enfermeiros, não obstante todas as tendencias e habitos que tornam os homens menos proprios e sollicitos para um serviço tão caseiro e impertinente. Mas quando as irmãs de caridade estavam presentes, o seu meatez limitava-se a dirigir no seu serviço os enfermos propriamente ditos, que em cada uma das enfermarias se achavam sob as ordens das irmãs de caridade. Muitas vezes vi que os enfermeiros só se empregavam zelosos do arranjo das salas, independentemente d'essa direcção e que desde logo presumi m'o assegurar investigações ulteriores, a que te-rei occasião de me referir.

As informações que pedi dêram em resultado, que não obstante as poucas occasiões que tinha de vêr as irmãs de caridade nas enfermarias, havia nada menos de 40 no Val-de-Grace, para um movimento de 900 doentes, e 20 no Gros-Caillon para o movimento ordinario de 250 enfermos. Soube ainda que para cada sala havia duas irmãs de caridade, e que afóra n'este serviço de enfermarias, outras estavam empregadas na dispensa, na roupania, na cosinha. E' de notar que esta extensão de occupações, foi mesmo uma das clausulas que as irmãs de caridade se impuzeram, para se obter o seu serviço nos hospitais militares, clausula que os empregados

da intendencia militar não deixam de aproveitar, para fazerem significativo o interesse que as irmãs de caridade tem ali ligado, e assim desvirtuarem o serviço d'ellas, no meio da luta que entre ambos os lados se suscitou logo, e agora subsiste em toda a força. Assim as irmãs de caridade dirigem e estão presentes á distribuição de remedios e dietas, vigiam o aceso das salas e suas dependencias na occasião da limpeza geral, e essas são as horas da sua maior assiduidade. Fóra d'essas circumstancias, as suas occupações são quasi totalmente estranhas ao serviço dos doentes. Tem primeiro as suas orações á hora da résa, depois pequenos trabalhos em que se entreteem, trabalhos de agulha, *crochet*, fabrico de flores artificiaes, etc, das quaes tiram pequenos proventos, com auxilio dos meios que lhes são ministrados pelo governo.»

Não leio mais; não é preciso lêr tudo. Ora, se nós compararmos a regra de S. Vicente de Paulo e a sua vida, a sua vida, escripta por fr. João do Santissimo Sacramento, e traduzida pelo clerigo regular, D. Joaquim José Barbosa; se as compararmos com o que se diz aqui, veremos que são a degeneração de tudo quanto n'este relatório se acia escripto a similhante respeito (apoiados.) Isto quer dizer, o instituto era um na sua origem, hoje é outro em tudo e por tudo, é a denegação do que foi.

Não ouvimos nós outro dia a palavra tão amena e tão auctorizada do sr. dr. Beirão, que n'estas cousas tem pleno voto; não lhe ouvimos dizer e confessar, de certo involuntariamente, que as irmãs de caridade tinham vindo para o asylo de S. Fiel, junto a Castello Branco, não para servir os enfermos, não para praticar os exercicios de caridade, mas para cosinhar e tratar da roupa! (Riso.)

Pois a tal estado de abatimento chogamos nós e as nossas mulheres, que seja preciso mandar vir, e por alto preço, cosinheiras francezas para os nossos estabelecimentos?

O sr. José Estevão:—E para Aveiro tambem.

O Orador:—Para toda a parte: fazer a cosinha dos aprendizes de seralheiro é uma obra de misericordia, e para a exercer carecemos d'importação estrangeira! E foi isto o que o santo lhes recommendou? O santo recommendou-lhes que fizessem os mais humildes mesteres, mas não por dinheiro (apoiados.)

O sr. Beirão:—Peço a palavra.

O Orador:—Se s. ex.ª quer explicar-se já, com muito gosto o ouvirei.

O sr. Beirão:—Não quero passar pelo dissabor de não continuar a ouvir o illustre orador.

O Orador:—Pela minha parte tenho todo o gosto de dar a s. ex.ª toda a occasião de se explicar.

Dizia eu que as irmãs de caridade exerciam por dinheiro os mesteres da maior humildade; mas nas occasiões de perigo, nos momentos de provação, quando uma epidemia affligiu esta capital, não as vimos nos hospitais soccorrendo os enfermos, nem correr ao desvalido para lhe minorar os soffrimentos.

Diz o sr. Beirão: «Não foram lá porque as não mandaram.» Oh! sr. presidente! Que caridade é esta que é preciso que as mandem?

Peço licença para lêr o que a este respeito escreve o sr. Alexandre Herculano. O sr. Alexandre Herculano cre na reacção; o illustre relator da commissão suppe que elle não cre n'ella, que não a teme: pois teme.

Eis aqui o que elle diz:

«Os pomposos relatorios das ma-

(1) Pede-se caridade no sr. typographo e no sr. revisor do *Povo de Aveiro*. Por caridade... por caridade.

(1) Como é a congregação de S. Vicente de Paulo, ou as irmãs sejam de nacionalidade portugueza ou não.

Cartas d'Algures

28 DE FEVEREIRO.

Faltava esta nota do cidadão Luiz de Magalhães.

Magnifica! Admiravel!

Eu achava o drama—drama e comedia—incompleto. Mas não sabia o que lhe faltava.

Pois faltava-lhe a formidável declaração do senhor deputado Luiz de Magalhães!

Se José Estevão combateu n'outros tempos os jesuitas foi simplesmente para certos fins políticos.

E esta?

Quem sabe lá se foi também para certos fins políticos que o tio do senhor deputado Luiz de Magalhães escreveu duas cartas á *Revolução de Setembro*, uma em 19 de novembro de 1869, outra em 1 de fevereiro de 1870, contando a maneira porque sua filha o recebeu no hospício de S. Patricio, ás escadinhas de S. Chrispim, em Lisboa, e protestando vivamente contra os processos empregados para lhe seduzirem e raptarem a filha, que chorou até á morte?

Querem vêr que a velha familia Coelho de Magalhães, que o paiz, em geral, e os aveirenses, em particular, teem andado a glorificar para ahi, não passou d'uma familia de *mystificadores*?

O sr. deputado Luiz de Magalhães não tem nada com a questão clerical e nem admite que o nome de seu pae seja envolvido n'ella porque se este combateu n'outro tempo os jesuitas foi simplesmente para certos fins políticos.

Então tinham razão os clericos quando encheram de vituperios o pae do sr. deputado pela Povoá do Varzim. Então esse *Campeão das Provincias* dizia a verdade quando cobriu de infamias o nome do grande orador das irmãs da caridade. Então a penna, que está traçando estas linhas, praticou uma obra de ingenuidade lorpa e palerma quando n'esse *Povo de Aveiro* fulminou os reaccionarios e especuladores da Vera-Cruz.

Pobre de mim! E eu que me incomodei e arrisquei n'um combate acceso contra os que tinham dicto do grande aveirense o mesmo que o seu proprio filho acaba de dizer!

Porque, no fim de contas, o que é um homem que só ataca o jesuitismo para certos fins políticos? Que nome tem esse homem? Em que differe elle do homem retratado por todas as folhas reaccionarias do tempo?

Responda, sr. deputado pela Povoá do Varzim!

Desate esse dilemma!

Mas v. ex.^a, sr. Luiz de Magalhães, se é filho de José Estevão é neto de Luiz Cypriano, d'esse homem de quem v. ex.^a tem o nome baptismal, e é sobrinho de Antonio Augusto, que era irmão direitinho de seu pae. Qual foi o fim reservado que seu avô teve em vista, combatendo a reacção religiosa e politica durante uma larga existencia?

Qual foi, senhor?

Eram de crocodilo as lagrimas choradas por seu tio sobre a filha seduzida e perdida? Era um infame hypocrita, esse homem, quando lamentava e estimatisava a vileza com que lhe

roubaram a filha, e a crueldade, a dureza, a deshumanidade com que esta o tratou? Mentiam ignobilmente os membros da familia, quando affirmavam que o torpe attentado jesuitico abreviara a existencia do infeliz Antonio Augusto?

Que diz, sr. deputado pela Povoá?

Que responde?

E' espantoso! E' verdadeiramente espantoso! E como os sentimentos liberaes d'uma grande familia morrem ás mãos de dois descendentes, de dois primos, que renegam os paes, ainda que por maneiras diferentes.

Uma, a prima, desvia os olhos do pae com temor e grita por soccorro contra elle. O filho diz respeitar e venerar a memoria do pae mas *arruma-nos com esta*: «se meu pae combateu n'outros tempos os jesuitas foi simplesmente para certos fins políticos.»

Francamente, eu antes quero a filha a gritar por soccorro contra o pae e a exclamar: *eu não tenho familia; a minha familia é Deus.*

Eu antes quero a filha!

Mal conheço de vista o sr. deputado pela Povoá do Varzim. Ouvi sempre dizer que sua excellencia era um homem probo e honesto. Acreditei-o e acredito-o, no sentido em que toda a gente toma a probidade e a honestidade n'esta terra. Pois, no entanto, sempre tive, e tenho, por sua excellencia—confesso-o—a mais accentuada antipathia.

Porque?

E' uma questão puramente subjectiva. Perdão a todos os homens pequenos a sua pequenez, menos aos filhos dos grandes homens.

Estes, ou pódem com a herança, ou não pódem. Se pódem, está bem. Nós continuámos n'elles a admiração dos paes. Se não pódem, só teem um recurso, mudar de nome.

E' um dever imperioso. E os que não cumprirem esse dever não de arrostar com a zombaria, com a piedade ou com a má vontade—conforme os temperamentos—de todos os espiritos cultos.

Tenha paciencia, sr. deputado pela Povoá do Varzim, mas isto é tal e qual o estamos dizendo.

Vossa excellencia é um homem honestissimo. E' um exemplarissimo chefe de familia. E' dignissimo. E' prestantissimo. E' cidadãoosissimo. Mas o que v. ex.^a não póde é com a herança de José Estevão.

E' só isto, excellentissimo senhor. Não é mais nada.

Vossa excellencia não teve em mente offender seu glorioso pae com as palavras que pronunciou em Campanhã. Não. Vossa excellencia não era capaz d'isso propositadamente. Vossa excellencia é um cavalheiro—e ninguém veja a minima ironia nas nossas palavras, que falámos com a sinceridade do costume. E um cavalheiro não procura offender ninguém, quanto mais um pae. Comtudo, vossa excellencia offende a toda a hora José Estevão, não como homem e como cidadão, que n'esse ponto é capaz de honrar o mais honrado, mas como politico, mas como philosopho, mas como artista. Oh! n'esse ponto é v. ex.^a um attentado cruel ao nome que usa!

Se v. ex.^a não usasse esse nome, se v. ex.^a visse ao menos uma vida obscura, se v. ex.^a não quizesse ser também philosopho, pensador, parlamentar, artista como seu glorioso pae, v. ex.^a não offendia, nem irritava, e gosava a herança tranquillo e em paz. Mas o que o prejudicou foi exactamente v. ex.^a querer continuar, sem poder, uma tradição de gloria, querer ser pensador sem poder pensar, artista sem ter nascido artista. E, d'esse modo, um filho de José Estevão deu um satellite de João Franco!

Oh! artista! artista! Tem v. ex.^a pretensões d'artista!

Se v. ex.^a o fôra, prosador sem suggestão, poeta sem calor, não teria v. ex.^a proferido essa grande heresia que proferiu em Campanhã. Só um artista comprehende outro artista. V. ex.^a, que leva quinze dias a escrever, a limar um artigo de jornal, tres mezes a preparar um discurso parlamentar, oito dias a fazer um verso, não póde sem duvida comprehender uma organização, uma inspiração como foi a de José Estevão Coelho de Magalhães.

Herdou este nome. Mas herdou-o como quem herda um predio. V. ex.^a não tem culpa d'isso e nós também não.

Mystificador! Como havia de o ser José Estevão? Para elle atacar o jesuitismo por calculo não podia pronunciar a famosa oração das irmãs da caridade.

V. ex.^a é um ignorante. Não se espante. V. ex.^a é um ignorante como o geral dos homens d'esta terra. Póde saber qualquer coisa. Nem por isso deixa de ser um homem *inculto*, um ignorante. Para deixar de o ser precisava de possuir—e é esta a educação moderna—os conhecimentos geraes, que não possui. Se não o fôra, v. ex.^a saberia que um habil mystificador póde produzir discursos como os de Fontes, que era um bom orador, como os de Mariano de Carvalho, que sabe terçar, mas nunca orações como as das irmãs da caridade.

Nunca, excellentissimo senhor deputado pela Povoá do Varzim!

Nunca!

José Estevão não podia de fórma nenhuma ter atacado o jesuitismo *simplesmente para certos fins políticos*. A oração das irmãs da caridade é a vibração de um sér. José Estevão *sentiu* o que disse. E *sentiu-o do fundo d'alma*, como diz o povo na sua phrase tão expressiva. Não foi o politico que falou. Foi o homem. Não foi o comediante. Foi o artista inspirado. A convicção anti-clerical fazia parte d'elle como o proprio coração.

Eu ouço, desde pequeno, falar n'esse senhor Luiz de Magalhães, que deve ser quasi da minha idade. Lembro-me, tinha eu os meus quatorze ou quinze annos, as senhoras ahi de Aveiro contarem e applaudirem que o actual deputado pela Povoá do Varzim falava muito bem sobre modas e discutia muito bem figurinos. Com verdade ou mentira eu ouvi dizer isto. E, coisa celebre, bem ou mal cabida essa impressão ficou-me e eu nunca mais pude vêr o filho de José Estevão senão com o tal feitiço de creança das modas e dos figurinos.

Ainda quando foi da campa-

nha das irmãs da caridade em Aveiro eu vi, atravez de todo o meu entusiasmo, que foi grande, o homem que na Costa Nova, aos 14 ou 15 annos, falava muito bem sobre modas e sobre figurinos.

Os românticos republicanos queriam que Luiz de Magalhães fosse republicano. Eu não! Discutir se José Estevão viria ou não viria a ser republicano é bysantino. José Estevão foi o que foi e não podia ter sido senão o que foi. Era um *obreiro do progresso*. Estes termos da velha rhetorica são afinal muito significativos.

O sr. Luiz de Magalhães é um obreiro do retrocesso. Mas é também o que é e não póde ser senão o que é. E' o destino. Cá temos a rhetorica, ou o romantismo, ou o povo, a cabir sempre, com os seus termos consagrados, na verdade scientifica, que a pratica da observação lhes mostrou. O destino é a negação do livre arbitrio, é o fatalismo dos temperamentos. A sorte, o destino! N'estas palavras marca o povo a orbita necessaria dos organismos humanos.

José Estevão tinha precisão de *motivos d'ordem moral*. Apaixonava-se pelo ideal. Era revolucionario em politica e em religião. Então o tempo marcava-lhe como limites uma monarchia constitucional avançada. Hoje marcar-lhe-hia—fatalmente—um regimen republicano.

O sr. Luiz de Magalhães, que não tem inspiração, nem a póde ter, que tem necessidades moraes e intellectuaes d'uma ordem muito diferente das que tinha seu pae, seria no tempo de seu pae o que é hoje: um burguez com o quilate official da burguezia dominante.

E mais nada.

O *fogo sagrado*, que arde nos grandes homens, outra phrase rhetorica de significação exacta, extingue-se geralmente com elles. De fórma que a sua gloria tem tudo a ganhar com o simples usufructo dos seus descendentes.

O sr. Luiz de Magalhães tinha mais valor limitando-se a usufruir em silencio a gloria de seu pae, do que a commental-a por um lado e a fingir directamente de medalhão pelo outro.

A. B.

As ruas da cidade

Quasi todas as ruas da cidade estão indecentes. Para limpar, pelo menos as mais necessitadas, que são algumas das mais concorridas e bastantes das que a estas vão dar, crémos que não será preciso fazer sangrar muito o cofre municipal, nem tão pouco lançar tributos.

Ao sr. vereador do pelouro, que tanta solicitude e tão seraphico zêlo mostrou, mandando arear a rua do Passeio, só porque por ella tinham de passar os andores da procissão da Cinza, lembrámos a conveniencia de mandar fazer identico serviço n'outras bem mais necessitadas, por onde não passam procissões nem andores.

Se não nos attender, ficaremos acreditando que s. ex.^a é vereador, não por eleição dos municipes aveirenses, mas por obra e graça dos santos da Ordem Terceira, cujos interesses e luzimen-

ravilhas praticadas pelas irmãs de caridade no Oriente, o que provam de modo peremptorio é que a reacção é habil. Sabeis o que se passava então no paiz que ellas abandonavam para supprir as insufficiencias dos governos da Inglaterra, da França, da Sardenha e da Turquia? Dirvo-lo-hemos. Em França, dos doze milhões de desgraçados, cuja alimentação consiste apenas em centeio, batatas e agna, e que em grande parte vivem em casebres infectos (é de Lavergne que o diz,) morriam de fome e de miseria oitenta mil pessoas só no decurso de 1855! E' uma auctoridade insuspeita o chefe actual da repartição de estatistica em França que nol-o assegura. Onde era o posto da irmã de caridade franceza no meio de tantos infortunios? Era na patria ou nos acampamentos do Oriente? Era ao pé do soldado, ferido ou doente, mas de constituição robusta e animo fêro, vigiado acariado pela previdencia sollicita dos poderes publicos, ou na aldeia, no casal solitario, na agua furtada do operario fabril; ao pé da enxerga do velho, da mulher, do infante, nus, esfaimados, esquecidos do mundo, abandonados pela caridade publica, e enviando tal vez no ultimo alento um grito de maldição á sociedade?»

Não leio mais, porque não quero afeiar o quadro. E apesar de todo o respeito e consideração que tenho pelo nobre deputado que tanto nos glorificou e engrandecou o serviço que as irmãs de caridade teem prestado, permitta-me a camara que diga que, qualquer que seja a causa do sacrificio e o motivo dos serviços, eu admiro e respeito o serviço e o sacrificio. Admiro-o primeiro no campo da batalha, e depois onde elle tenha sido praticado, porque onde tenham feito serviços não de ser sempre respeitadas; mas... onde os fizeram? (*Apoiados.*)

Como nós vamos descendo! Como o clericalismo tem avançado!

Como a liberdade tem recuado!

N'esses tempos ainda uma camara votava uma lei contra a reacção, aliás também protegida n'essa epocha por uma rainha e por um rei, e rainha estimada e rei idolo!

Então ainda na camara se erguiam vozes como a de José Estevão, Vicente Ferrer, Mendes Leal, etc, a fulminar a reacção.

Hoje nem uma.

Como o clericalismo tem avançado!

Como a liberdade tem recuado!

Continuaremos.

«Resistencia»

Entrou no setimo anno da sua publicação este nosso estimado collegá conimbricense.

Saudamol-o.

IGNOTUS

Por falta de espaço não podemos dar publicidade a uma carta de «Ignotus» a respeito do peditorio por elle feito, em beneficio dos pobres, durante o carnaval. No entanto, para conhecimento dos nossos leitores, dirémos que «Ignotus» angariou a quantia de 30\$490 réis liquidos, que será distribuida pelos pobres da cidade.

«Ignotus» promete renovar o peditorio em occasião opportuna, e agradece a todos o auxilio que lhe dispensaram.

Automovel

O milionario Vanderbilt vae possuir o automovel mais veloz dos Estados Unidos: desenvolverá uma velocidade de 70 milhas por hora e terá a força de 42 cavallos.

to proccional tem em maior conta do que a limpeza das valletas e calçadas que lhe foram confiadas.

Prove s. ex.^a que estamos enganados, e mande arrancar sem dó nem piedade as vicejantes hervagens que por essas valletas se ostentam massiças, desafiando as cobras e os sardões a virem viver no seu seio como em pleno mattagal, e embarçam as aguas de correr livremente, determinando em alguns pontos a formação de verdadeiros charcos onde em breve as rãs virão installar-se commodamente, para ás duas por três começarem em altos clamores a pedir a Jupiter um rei.

E d'ahi, quem sabe?, talvez s. ex.^a tenha empenho em vêr este espectáculo!

Princípio de Incendio

Na passada sexta-feira, por volta do meio dia, declarou-se incendio na foligem da chaminé do Hotel Cysne Boa Vista.

Tuna compostelana

A convite dos academicos aveirenses, veiu na segunda-feira a esta cidade, no seu regresso de Coimbra, a Tuna compostelana, chegando no comboio das 6 da tarde. Na gare eram os tunos esperados pelos nossos estudantes, que, acompanhados de duas phylarmonicas, e no meio de um grande concurso de povo, fizeram uma recepção vibrante de enthusiasmo aos seus companheiros da vizinha Hespanha, prolongando-se as ovações até ao Gymnasio Aveirense, onde foram recebidos pelo reitor do lyceu e pelo sr. Marjo Duarte, que deram as boas vindas aos estudantes compostelanos, discursando tambem n'esta occasião um estudante do lyceu, cujo nome nos não occorre agora.

O espectáculo no nosso theatro correu bem, excedendo até as expectativas, pois todos agouravam uma casa fraca. A final o theatro estava *au grand complet*, e os tunos foram escutados e applaudidos com sincero enthusiasmo.

Nos intervallos fez-se ouvir a Tuna Talábriga, que mais uma vez confirmou os creditos de que goza.

Os tunos retiraram depois no comboio das 5 horas da manhã, devendo levar gratas impressões, não só da academia aveirense, que lhes prestou todas as attentões de que eram dignos, mas tambem do publico que os recebeu cortez e captivamente.

FORA OS HYPOCRITAS

HORROR AO FANATISMO

Sempre a mentira! Sempre a burla!

O homem foi feito á imagem e semelhança de Deus. Assim dizem. Assim repetem. E quanto mais o homem se aproxima de Deus, mais o perseguem e condemnam!

Deus é a sabedoria. Assim ensinam. E accendem fogueiras para queimar os sábios!

Deus é a verdade. Assim o proclamam. E armam os potros e a polé para torturar a verdade!

Deus é a virtude. E mettem a virtude na cadeia! Deus é a luz. E lançam o anathema sobre a luz! Deus é a perfeição. E armam forcas para enforcar tudo que é perfeito!

Hypocritas! Miseraveis! Infames!

O bispo d'Oxford denuncia as theorias de Darwin como tendentes a limitar a gloria de Deus na criação, declarando que o principio da seleção natural é absolutamente incompativel com a palavra de Deus e dando tantas manifestações d'odio contra o sábio, que Huxley, outro sábio, teve de exclamar:

«Antes quero ser o descendente d'um macaco que d'um homem que se serve da sua sciencia e da sua eloquencia para lançar o opprobrio sobre aquelles que consagram a sua vida á busca da verdade.»

Rogério Bacon, o primeiro grande pensador que se serviu com tenacidade do methodo experimental, obtendo com elle maravilhosos resultados, preparando as invenções mais preciosas, foi mettido e conservado **quatorze** annos na cadeia! E sem essa desgraçada intervenção do fanatismo, diz White na sua excellente *Historia das luctas entre a sciencia e a theologia*, a humanidade teria progredido mais dois seculos.

«Em dois annos, recentemente, morreram sessenta mil creanças de febre escarlantina na Inglaterra e no paiz de Galles; provavelmente a mesma proporção existiu n'outros paizes. Se Bacon não tivesse sido preso, teriamos na mão, n'este momento, os meios de salvar os dois terços d'essas victimas. O mesmo podemos dizer sobre a febre typhoide, sobre o cholera, sobre a raiva, sobre todas as doenças de que a sciencia começa hoje a reconhecer as causas physicas.»

João Baptista Porta, o physico italiano, foi intimado pelo papa Paulo III a suspender as suas averiguações sobre a sciencia.

O grande medico Vesale, accusado pelos beatos de dissecar um homem vivo, teve de parar com os seus formidaveis trabalhos sobre anatomia.

Os theologos francezes e inglezes condemnaram Boyer solemnemente, quando esse sábio apresentou a inoculação como tratamento preventivo.

O bispo de Dromore foi o pa-

trono da obra do dr. Moseley — *Lucas Bonilla* — contra o grande Jenner. De todos os pulpitos e cathedras se prégou e fallou contra a vaccina.

O estado de porcaria da idade média foi uma coisa horrorosa. Proclamou-se o desprezo do corpo como indispensavel á salvação da alma. Não se lavar, nem mudar de roupa, era uma virtude celestial. Santo Athanasio glorifica Santo Antonio por Santo Antonio nunca ter lavado os pés. Santa Sylvia nunca lavou parte nenhuma do corpo, salvo as pontas dos dedos. Santa Euphrasia pertencia a um convento onde as freiras se abstinham religiosamente de todas e quaesquer abluções. Santa Maria Egypta foi celebre pela sua porcaria. São Simão Stylita cheirava tão mal que a sua presença era insupportavel.

Os devotos regulavam a sua hygiene pela hygiene d'esses e outros santos. E assim as epidemias eram frequentissimas e produziam estragos pavorosos.

Os judeus é que pagavam as differenças. Cada epidemia, cada grande queima de judiaria! Na Baviera foram queimados doze mil no tempo da morte negra. Na pequena cidade d'Erfurt, tres mil. Em Strasburgo, a rua *Queimada* ficou como monumento da morte dos infelizes, accusados de envenenar os poços causando a peste de 1348.

Quem tinha a culpa das grandes epidemias não eram os proprios fanaticos pela sua immundicie, pelo seu desprezo da sciencia, pela sua guerra á medicina, guerra que foi tenaz, que foi constante, que ainda hoje existe, como se vê nas rezas e promessas. Eram os judeus, os mágicos, os feiticeiros, os chimicos, os physicos, os astronomicos, os sábios.

As práticas fanaticas excessivas davam então, em muito maior escala, os resultados tristes que n'este instante estamos vendo e combatendo. As doenças mentaes e nervosas generalisaram-se espantosamente. Mas os pobres doentes eram tratados brutalmente, porque os tomavam á conta de *endemoninhados*. «E' certo que a civilização moderna tende a augmentar os casos de alienação. Não obstante o numero de alienados é hoje muito menor do que nos tempos da idade média.» (White — *Historie de la lutte entre La Science et La Théologie* — traduç. franc. pag. 363.)

Era principalmente nos conventos que a loucura se manifestava. Ou a loucura caracterisada, ou doenças mentaes e nervosas de toda a ordem. «A excitação hysterica nos conventos de mulheres tomava algumas vezes formas comicas; mas geralmente tinha formas tragicas.»

E' de notar que os ultimos lugares onde se fizeram execuções da pena ultima por accusações de feitiçaria foram os arredores dos grandes conventos de mulheres; e a ultima victima, de tantos milhares d'ellas que foram executadas na Alemanha por esse crime imaginario, foi sóror Anna Renata Sanger, sub-abbadessa de

um convento perto de Würzbourg; (Idem, pag. 365).

Endoideciam as desgraçadas e matavam-nas depois, a pretexto de terem o diabo no corpo!

As allucinações, a que um fanatismo horroroso dava lugar, eram medonhas. Os doentes corriam em bandos para o santuario de Saint-Guy. Não encontrando ali cura, procuravam-n'a na matança dos judeus, a coisa mais agradável a Deus, escreve White, segundo a opinião geral.

Pavorosa coisa!

Além de White, é curioso lêr sobre esses desvarios e horrores os *Etudes sur les doctrines sociales des christianisme*, de Yves Guyot e *Des Maladies Epidemiques*, de Laveran, a pag. 419 do tomo II do *Traité de Pathologie Générale*, de Bouehard.

Enfim, se descermos a estudar a influencia do fanatismo sobre as mathematicas, a astronomia, a philosophia, sobre todos os ramos do saber humano; se notarmos as perseguições a Copernico, Galileu, Campanella, Giordano Bruno, Kepler, Newton e tantos outros, veremos que a obra d'esses sectarios da religião nunca foi outra senão esmagar o que havia de mais perfeito entre os homens, isto é aquelles que mais se approximavam de Deus, e fazer todos os esforços para que a humanidade se mantivesse n'um nivel de verdadeira animalidade.

Foi essa a sua obra de seculos. Essa é a sua obra n'este instante.

Em nome de quê?

Da religião.

Ma o que é a religião? E' a creença n'um Deus de justiça, de sabedoria, de perfeição?

Miseraveis: e não tendes senão esmagado a justiça, senão embarçado a sabedoria, senão inutilisado a perfeição!

Miseraveis!

Sábio era Galileu e fostel-o encerrar n'uma prisão. Justo era Giordano Bruno e fostel-o queimar n'uma fogueira. Perfeito era Bacon e tivestel-o em ferros tantos annos. Justos somos nós, que só pedimos que nos deixem caminhar para essa perfeição, essa justiça, essa sabedoria, de que Deus é a synthese, esse Deus, a cuja imagem e semelhança somos feitos.

Nós queremos honrar Deus.

Quem o deshonorá? Os miseraveis, que falando-nos a toda a hora na sua sabedoria, perfeição, bondade e justiça, condemnam a sciencia, odeiam a perfeição, aconselham aos filhos que abandonem os paes, aos paes que abandonem os filhos, aos irmãos que abandonem os irmãos para amarem só Deus, só Deus, como se Deus fosse tão mau e tão torpemente egoista que não admittisse que a filha o amasse amando o pae tambem, que a mãe o amasse amando a filha tambem!

Deus, que disse:

Honrarás teu pae e tua mãe.

Deus, que disse:

Crescei e multiplicaes-vos.
Miseraveis! Grandes miseraveis!

pequena barbacá, ou defeza exterior, que communicava com o campo por uma porta bem fortificada.

—Partes, pois, disse o barão. Se deres conta do meu recado e depois voltares por cá, encontrarás carne de saxão mais barata que a de porco no mercado de Sheffield. E ouve: tu parecês-me um confessor folgazão; volta cá depois do ataque e terás malvasia bastante para afogar todo o teu convento.

—Havemos de tornar a ver-nos, podeis ter a certeza, respondeu Cedric.

—Por enquanto, toma lá, continhou o normando; e, ao separarem-se no limiar da portua meteu na mão de Cedric, contra a vontade d'este, um besante d'ouro, accrescentando:—Lembra-te de que se não deres conta do recado, te arrancarei o habito e a pelle.

VEEM CHEGANDO

Garantem-nos que durante os ultimos dias tem chegado a Aveiro alguns jesuitas fugidos do Porto, e que estão aquartellados no collegio de Santa Joanna que, como é sabido, não tem existencia legal, pois está manifestamente incurso não só no art. 1.º da lei não derogada de Joaquim Antonio de Aguiar, mas tambem no art. 2.º da de Anselmo Braamcamp.

Desde que José Estevão, no dizer assombroso de seu filho, os combateu por *calculo politico* e não por convicções liberaes, andam bem os homemsinhos em se refugiarem na propria terra onde dorme o ultimo somno o seu fingido inimigo.

Tinhamos já composto esta noticia, quando nos informaram de que, por intervenção do sr. commissario de policia, tinham seguido viagem, demandando novo poiso, os individuos que do Porto se vieram recolher no convento de Jesus.

Apoiado.

Os nossos estimados collegas o «Norte» e a «Voz da Officina» transcreveram varios trechos do nosso ultimo numero, com palavras de agradável referencia, que agradecemos.

ANNUNCIOS

BANCO

DE

PORTUGAL

Dividendo de 5 p. c.

ACHA-SE aberto o pagamento d'este dividendo relativo ao segundo semestre do anno findo, desde as 9 horas da manhã á 1 da tarde.

Para cumprimento da portaria do Ministerio da Fazenda de 14 de Agosto de 1885, publicada no «Diario do Governo», de 19 do mesmo mez e anno, terão os srs. accionistas usufructuarios de mostrar no acto do pagamento de registo respectiva a todo o usufructo, ou á ultima annuidade vencida.

Agencia do Banco de Portugal em Aveiro, 2 de Março de 1901.

Os Agentes,

(a) Jayme de Magalhães Lima
(a) Antonio da Cunha Pereira.

—Podeis tirar-me ambas as coizas, respondeu Cedric afastando-se da portua e marchando para o campo livre com passo deliberado, —se no nosso proximo encontro eu não merecer coisa melhor da tua parte. E, voltando-se para o castello, atirou a peça d'ouro para o lado de Reginaldo, exclamando ao mesmo tempo:—Refalsado normando, o teu dinheiro morra em tiago.

Testa-de-Boi não ouviu bem as palavras, mas a acção parecia-lhe suspeita. —Archeiros, gritou elle aos soldados que estavam de vigia nas muralhas exteriores, atirae uma frecha ao habito d'aquelle frade!...

(Continúa.)

(78)

FOLHETIM

IVANHOÉ

ROMANCE POR WALTER SCOTT
CAPITULO XXIV

—Pelo meu santo padroeiro, disse Cedric com mais energia do que convinha ao seu papel e por todos os santos que viveram e morreram na Inglaterra, as vossas ordens serão cumpridas! Não se afastará d'estas muralhas um unico saxão, se eu tiver arte e influencia para ali os deter.

—Olé! disse Testa-de-Boi, tu mudas de tom, sir frade, e fallas depressa e com firmeza, como se estimasses a carnificina do rebanho

saxão; comtudo, não pertences tu á familia d'esses porcos?

Cedric não era muito forte na arte de dissimular e queria n'aquelle momento ter o espirito mais fertil de Wamba para lhe suggerir alguma ideia. Mas, como diz o antigo proverbio, a necessidade é mãe da invenção, e elle murmurou sob o seu capuz algumas palavras relativas aos sitiantes, dizendo os *outlaws* eram renegados da igreja e do reino.

—*Despardieux*, respondeu Testa-de-Boi, isso é a pura verdade. Esquecia-me de que esses tratantes roubam um gordo abbadé saxão do mesmo modo que se elle tivesse nascido ao sul, do lado de lá do canal. Não foi o de Santo Ives que elles prenderam a um carvalho e obrigaram a cantar uma missa enquanto lhe esvasiavam as malas e os

alforques? Não, por Nossa Senhora, essa partida foi pregada por Gualter de Middleton, um dos nossos companheiros d'armas. Mas eram saxões os que roubaram á capella de Santa Bees e ciborio, calices e castiças; não é verdade?

—Eram uns impios, respondeu Cedric.

—Sim, e beberam todo o vinho e serveja que estavam guardados para as patoscadas que vós fazeis ás escondidas, quando pretendeis estar entregues ás viglias e primas! Padre, tu deves ter empenho em vingar um tal sacrilegio.

Certamente que jurei vingar-me, murmurou Cedric, fiz voto a S. Witholdo.

Durante esse tempo Testa-de-Boi dirigia-se para a portua; tendo atravessado o fosso sobre uma simples prancha, chegaram a uma

AO COMMERCIO E AO PUBLICO

ALBINO PINTO DE MIRANDA, gerente da casa de Manuel José de Mattos Junior—o. **MANUEL MARIA**—d'esta cidade, faz publico que sendo agente d'uma casa commercial de Lisboa, tem para vender em boas condições para o commercio café em diversas marcas, café torrado em grão e moído, avulso e empacotado, por preços muito baixos, rivalizando com vantagem com as casas congêneres do Porto. As vendas são a prazo, e sendo a prompto pagamento têm desconto.

Na casa de que é gerente, além dos ganhos acima mencionados, vendidos ao publico com muita vantagem, tem em saído uma grande quantidade de louça de Sacavem que vende com 15 p. c. de desconto da tabella da fabrica e alguma com 20 p. c. Tem o deposito dos vinhos da Companhia Vinicola, composto de todas as marcas, não exceptuando o bello *Champagne*.

Ha tambem vinhos de outros armazens do Porto, das marcas mais acreditadas, por preços razoaveis, fazendo grandes descontos para revender.

Deposito de adubos chemicos para todas as culturas e por preços vantajosos.

Armazem de vinhos da Bairrada, que vende a 60 réis o litro, tinto; branco a 100 e 200 réis, sendo para consumir em casa de freguez.

Tem mercaderia bem sortida. Vende sulfato de cobre e de ferro, chumbo para caça (pelo preço do Porto, sendo por caixa de 30 kg.), bolacha e biscoito das principaes fabricas do paiz, conservas e massas alimenticias, petrechos para caçadores e objectos para escriptorio, aguardente de vinho, cerezes e alcool, com grandes descontos para revender, e muitos outros artigos impossiveis de mencionar.

Eucarrega-se da compra ou venda de qualquer mercaderia mediante commissão.

Rua Direita (Largo do Manuel Maria);

AVEIRO

FERRAGENS, zinco, chapa zincada, chumbo em barra e em pasta, estanho, prégos, para fusos, pás de ferro, arame zincado, tintas preparadas e em pó vernizes, oleo, aguarraz, alcool, brochas, pinceis, cimento sulfato de cobre e de ferro, cloroeto, enxofre, gesso de estuque, vidraça, telha de vidro, chaminés e torçidas para candieiros, papelão, artigos de mercaderia e muitos outros.

A venda no estabelecimento de

Domingos José dos Santos Leite

RUA DO CAES

AVEIRO

NOVA ALQUILARIA

DE

MAUEL PICADO & PEREIRA

(Antiga casa de Fernando Christo)

Nesta casa continúa a haver carros de alager, servindo-se os freguezes com a maior regularidade e economia de preços.

Vende-se palha sarrotada para gado.

Rua da Alfandega—AVEIRO

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia **SINGER** obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, **Grand-Prix**.

É mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas tem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79

Almanach Illustrado

“OCCIDENTE”

Para 1901

Este excellent almanach, um dos melhores que entre nós no seu genero se publica acaba de ser posto a venda nas principaes terras do paiz, e d'elle recebemos um exemplar.

Profusamente illustrado e selectamente redigido, contem, além de todas as tabellas uteis e proprias de um bom almanach, um grande numero de artigos litterarios, artisticos e scientificos, muito interessantes e instructivos, acompanhados de gravuras, de monumentos quadros, estatuas, retratos, etc.

Verdadeiro modelo do annuario illustrado, cuja colleção é já hoje bastante valiosa, o *Almanach do Occidente para 1901*, trata entre outros, dos seguintes assumptos:

Centenario de Castilho, anniversario da batalha de Boscaco, convento do Carmo em Lisboa, a campanha contra o Mafaca, centenario do descobrimento do Brazil, exposição universal de Paris, a estatua da Historia por Teixeira Lopes, D. Adelaide de Bragança no seculo e no clausuro, as romarias portuguezas, a serra da Arrabida, o frei Martinho e a gruta de Santa Margarida, centenario de Antonio Ribeiro Saraiba, actriz Angela Pinto, 1.º centenario do patrão Joaquim Lopes, o poeta Malhão, o quinto centenario de Guttemberg, a secção agricola portugueza na exposição de Paris, etc, etc, sobressahindo uma synopse das conquistas e descobrimentos portuguezes assaz completa.

Entre os mortos illustres dá-nos os retratos de Camara Pestana, Barjona de Freitas, Serpa Pimentel, Eça de Queiroz.

O apreciavel Almanach, custa 200 réis cada exemplar, encontra-se á venda em todas as livrarias e na *Empresa do Occidente*, Largo do Poço Novo, Lisboa, aonde devem ser dirigidos todos os pedidos.

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA

Os Mysteries da Inquisição

POR

F. GOMES DA SILVA

Obra illustrada a cores por Manuel de Macedo e Roque Gameiro.

Nos *Mysteries da Inquisição* descrevem-se horrores que agitam afflictivamente a alma, scenas que fazem correr lagrimas, espalpellam-se figuras d'outros tempos, encadeiam-se acontecimentos dispersos e tenebrosos, fustiga-se a hypocrisia, enaltecem-se as grandes virtudes, faz-se rebrilhar a verdade e põem-se em relevo todos os personagens que entram neste grande drama, em que vibram commoções da maior intensidade e affectos do mais exaltado amor.

Preçoso brinde a todos os senhores assignantes: Uma magnifica estampe esplendidamente colorida, medindo 0,55x0,44, a qual representa uma das scenas cuja recordação ainda hoje nos é grata e que o nosso coração de portuguezes ainda não pode olvidar.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á *Companhia Nacional Editora*—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

ATELIER DE ALFAETERIA

Joaquim Ferreira Martins
(O GAFANHAO)

R. da Costeira—AVEIRO

ESTE antigo e acreditado estabelecimento de alfaeteria encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e barateza fatos para homem e creança, o que para isso tem um lindo sortimento de fazendas proprias para inverno.

Como estamos na estação do inverno tambem lhe acaba de chegar um grande sortimento de fazendas para varinos.



BRAZIL, PARÁ E MANAUS

Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos e mais portos do Brazil

Passagens de 1.ª, 2.ª e 3.ª classes, em todas as companhias de paquetes por preços muito reduzidos. Vapores a sahir de Leixões e de Lisboa.

As passagens tomadas n'esta casa gozam de todas as regalias e abatimentos concedidos pelas respectivas companhias aos srs. passageiros.

Esta agencia encarrega-se de solicitar passaportes e de obter no Porto e nas provincias, com a maior modicidade e rapidez, todos os documentos necessarios para os mesmos.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores e a homens sós para o Estado de S. Paulo.

AFRICA OCCIDENTAL

em 1, 11 e 21 de cada mez.

Para mais esclarecimentos dirigir-se directamente aos agentes habilitados em harmonia com a lei.

Abel Paulo & Pereira,

83—Praça da Batalha—PORTO.

(Exa frente ao governo civil)

ARMAZENS

DA

BEIRA-MAR

DE

MANUEL CONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sobejo
(Luz. Cam.)

Preços fixos

VENDAS SO A DINHEIRO

CONFECÇÕES:

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão.

Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rham e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes *Clement* e machinas de costura *Memoria*, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilharías, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flores artificiaes e corças funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B.—Não se aviam encomendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

SAPATARIA AVEIRENSE

DE

Marques d'Almeida & Irmão

AOS BALÇÕES

Garante-se a perfeição e solidez. Preços modicos

OFFICINA DE CALÇADO

DE

João Pedro Ferreira

AOS BALCOES—AVEIRO

—*—

NESTA antiga e acreditada

officina de calçado executa se com toda a perfeição tanto para homem como para senhora e creanças toda a qualidade de calçado que ha de mais chic.

Garante-se a solidez e economia de preço.